

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

Globalização 01

Agricultores contratuais nos Camarões

Som: Henri Fotso
Texto: Sandrine Blanchard
Redacção: Yann Durand

3 vozes:

- um locutor 1 – Daniel Machava
- uma locutora 1 – Nádia Issufo
- uma locutora 2 como voz-off para a reportagem – Marta Barroso

Adicionalmente, para o som: 3 vozes masculinas

- 1 homem adulto (Mayah Godfred Che, CDC) – Márcio Pessôa
 - 1 homem adulto (Gabriel Mbene, sindicalista) – Carlos Martins
 - 1 voz jovem masculina (Thomas Nughewe, camponês) – Jaime Jung
-

Música LbE

1ª parte – Reportagem

Locutora 1 – Nádia:

Olá a todos!

Locutor 1 – Daniel:

Na nossa série dedicada à globalização, vamos falar hoje da agricultura sob contrato...

Locutora 1 – Nádia:

... ou seja, dos agricultores que celebram contratos com grandes empresas multinacionais.

1. Atmo campo e jeep com cama

Locutor 1 – Daniel:

Vamos até Limbé e Tiko, duas localidades nos Camarões, situadas a Sudoeste da capital, Douala... Nestas localidades, esta prática da agricultura sob contrato é moeda corrente...

Locutora 1 – Nádia:

Então... vamos lá!

----- Manuscrito-----

1. Atmo mais alto, depois reduzido

Locutora 2 – Marta:

Abaixo, o Oceano Atlântico, acima, o monte Camarões, que atinge os 4090 metros de altitude. Bananais, palmeirais... Aqui em Tiko, as plantações estendem-se a perder de vista. Uma grande parte das explorações agrícolas, situadas no sopé da montanha, são geridas pela Cameroon Development Corporation, ou CDC. Mayah Godfred Che recebe-nos no seu gabinete em Limbé. Ele é perito de estatística na CDC.

2. Mayah Godfred Che (Márcio):

“Na CDC temos sete plantações e duas fábricas de produção de óleo de palma. Dispomos de um total de 11.729 hectares de superfície explorada.”

Locutora 2 – Marta:

Uma agricultura cada vez mais intensiva, que está a remodelar a paisagem nos arredores de Tiko...

3. Atmo abate de árvores

4. Mayah Godfred Che (Márcio):

“Os que criaram as suas próprias plantações trazem-nos as colheitas e nós compramos às toneladas. Estes pequenos agricultores são muito importantes para nós, porque nos permitem aumentar a produção”.

Locutora 2 – Marta:

As nozes colhidas pelos pequenos produtores são trituradas na fábrica de óleo da CDC, que depois exporta este líquido tão apreciado em todo o mundo.

5. Atmo fábrica

Locutora 2 – Marta:

Os cultivadores recebem uma participação, por exemplo sob forma de material agrícola. O reverso da medalha é que estão muito dependentes da empresa. Gabriel Mbene é presidente do sindicato regional dos agricultores e também vice-presidente dos sindicatos livres dos Camarões:

6. Gabriel Mbene (Carlos):

“Na verdade, os pequenos agricultores, que dependem de explorações na ordem de 1 a 2 hectares, não têm acesso aos mercados internacionais para vender. Os seus mercados reduzem-se às empresas agro-industriais multinacionais como a CDC”.

Locutor 1 – Daniel:

Agora percebo a censura: a relação de forças entre a empresa e os pequenos produtores é desigual.

Locutora 1 – Nádia:

Digamos que, às vezes, se azeda. Ora escuta a história do Thomas.

7. Atmo nozes

8. Thomas Nughewe (Jaime):

“Chamo-me Thomas Nughewe. Era plantador nos campos de palmeiras, mas a CDC impediu-nos.”

Locutora 2 – Marta:

Thomas recebe-nos no pátio da sua casa em Tiko. Já não vai trabalhar para o campo com os outros habitantes, depois dos litígios que teve com a CDC e que o arruinaram.

8. Atmo nozes

Locutora 2 – Marta:

No início, tudo ia bem. Tal como fizeram muitos plantadores da região, o jovem Thomas assinou um contrato com a CDC. Comprometeu-se a vender a totalidade da sua produção de noz de palma à empresa. Em contrapartida, a CDC garantiu-lhe a compra da colheita e máquinas novas.

9. Thomas Nughewe (Jaime):

“O problema é que eu fornecia e eles só me pagavam depois. E eu não tinha dinheiro para pagar aos trabalhadores que trabalhavam no campo. Mas quem trabalha, quer ser pago quando, à noite, deixa os campos. Todos querem que eu conte o que eles cortaram e lhes pague”.

Locutora 2 – Marta:

A CDC demorou três meses a pagar ao Thomas, que se endividou muito para poder pagar aos dez empregados. Por isso, o produtor decidiu vender as nozes ao principal concorrente da CDC: a Socapalm. A CDC considerou essa acção como uma traição e confiscou o material agrícola que tinha posto à disposição de Thomas. O agricultor acusa agora a empresa de ter contratado comparsas que vieram de noite roubar a sua colheita. Diz mesmo ter sido ameaçado pela empresa. Seja como for, o irmão de Thomas, seu associado, abandonou a exploração.

Locutor 1 – Daniel (num sussurro):

Mas o que fazem agora, o Thomas e os seus empregados?

Locutora 1 – Nádia (num murmúrio):

Bom, alguns vendem os seus serviços a outros patrões, mas a maior parte vive sem qualquer ligação.

8. Thomas Nughewe (Jaime):

“Hoje, como os tempos são duros, estamos no desemprego. Até as mulheres choram: como é que vamos sustentar os nossos filhos? Eu tenho dificuldades em pagar a renda: já devo um ano de rendas que não consigo pagar.”

Locutora 2 – Marta:

O Thomas arrisca-se a não conseguir trabalho. Para os outros, os sindicatos agrícolas exigem às grandes empresas, que gerem as explorações da região, que façam com que os agricultores e as populações das aldeias beneficiem dos seus lucros: construindo estradas, por exemplo, ou dando-lhes subsídios para comprar fertilizantes ou, então, pagando a mão-de-obra.

Música alta, depois com cama

Música: “Bafia” (Les génies noirs from Douala) Archiv-Nummer: 4045592000, 5’00

2ª Parte PARTE EXPLICATIVA

Apenas locutor 1 – Daniel e locutora 2 – Nádia

Locutor 1 – Daniel:

Se bem percebi, a agricultura sob contrato é uma forma de agricultura que vincula os produtores agrícolas à indústria agro-alimentar.

Locutora 1 – Nádia:

Exactamente. Esta forma de agricultura permite aos produtores agrícolas colocar os seus produtos no mercado. Quanto às empresas, sabem ter matéria-prima suficiente ao seu dispor.

Locutor 1 – Daniel:

Este tipo de agricultura só existe em África?

Locutora 1 – Nádia:

Não, de forma nenhuma. Começou nos Estados Unidos, nos anos cinquenta. Depois veio para a Europa, e desenvolveu-se à medida que se desenvolvia a indústria alimentar. Também se encontra agricultura sob contrato na Ásia.

Locutor 1 – Daniel:

Concretamente: como é que pequenos produtores independentes, que têm uma exploração agrícola familiar, podem celebrar contratos com grandes empresas multinacionais?

Locutora 1 – Nádia:

Há numerosos programas de apoio por parte de ONGs, ou da FAO, por exemplo.

Locutor 1 – Daniel:

A FAO?

Locutora 1 – Nádia:

É a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. A FAO dispõe, entre outros, de um serviço de apoio aos produtores para melhorar as suas infra-estruturas e técnicas de produção, mas também para terem acesso aos mercados internacionais e venderem os seus produtos.

Locutor 1 – Daniel:

Os agricultores podem ser obrigados a cultivar sempre os mesmos produtos?

Locutora 1 – Nádia:

Chama-se a isso “monocultura”. E com ela vem o desaparecimento das culturas de víveres, destinadas a alimentar a população local ou a família.

Locutor 1 – Daniel:

Há algum tipo de agricultura que permita aos produtores combinar a agricultura industrial com a produção de víveres?

Locutora 1 – Nádia:

Parece-me difícil, são modelos tão diferentes! Mas seria verdadeiramente o ideal.

Locutor 1 – Daniel:

Para que os produtores possam comer à vontade e melhorar as suas condições de trabalho, modernizando as técnicas de produção utilizadas...

Locutora 1 – Nádia:

... sob condição de respeitarem o meio ambiente de forma a não esgotar nem os solos nem os recursos naturais.

Outro

Locutora 2 – Marta:

E assim chegamos ao fim de Learning by Ear – Aprender de Ouvido. Obrigada por terem acompanhado este episódio dedicado à globalização e à agricultura sob contrato. Uma emissão da Deutsche Welle – a Voz da Alemanha –, da autoria de Henri Fotso e Sandrine Blanchard. Para saber mais, ou voltar a escutar esta emissão, basta entrar na seguinte morada online: www.dw-world.de/lbe... Até à próxima, fiquem bem!